

O ENSINO DE FILOSOFIA COMO RESISTÊNCIA INTELLECTUAL E PRÁTICA PEDAGÓGICA

= ENTREVISTA =

JOSÉ ISAAC COSTA JÚNIOR

Mestre em Memória Linguagem e Sociedade
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
Licenciado em Filosofia pela mesma Instituição
Professor de Filosofia na Rede Estadual de Ensino da Bahia
Campus de Vitória da Conquista | Bahia | Brasil
Contato: zrjr.013@gmail.com

Resumo: Os organizadores do presente dossiê realizaram uma entrevista com o professor de Filosofia José Isaac Costa Júnior, da Rede Estadual de Ensino da Bahia. A entrevista articula a trajetória formativa do referido professor, sua concepção teórica do filosofar e os desafios concretos envolvidos no processo de ensinar filosofia no ensino médio. Na primeira seção, destaca-se uma formação acadêmica. Na segunda, a Filosofia é compreendida como atitude crítica, rigorosa e existencial. Na terceira, o entrevistado reflete sobre as dificuldades de lecionar no ensino médio. O ensino filosófico, assim, aparece como resistência intelectual e prática pedagógica fundamental.

Palavras-chaves: Formação docente. Filosofia. Ensino. Desafios.

SEÇÃO I - FORMAÇÃO

OS ORGANIZADORES: Caro Professor José Isaac você poderia nos falar um pouco sobre a sua formação?

JOSÉ ISAAC: Iniciei meus estudos em Filosofia no final de 2016, no ano seguinte após a conclusão do meu ensino médio, ingressei no curso de licenciatura em Filosofia da UESB. Concluí a graduação no final de 2022 e ingressei no Mestrado, através do Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, na

mesma instituição, sob orientação da Prof. Dra. Caroline Vasconcelos Ribeiro. Defendi a minha dissertação em março de 2025, concluindo a pós-graduação.

OS ORGANIZADORES: Conte-nos um pouco sobre a sua experiência docente. Como está o desafio de trabalhar na educação pública?

JOSÉ ISAAC: Pouco depois de concluir o curso de licenciatura em Filosofia, participei de um concurso para o cargo de professor da rede estadual da Bahia, ao fim de 2022. Tive a felicidade de ser aprovado e, em novembro de 2023, de forma simultânea ao desenvolvimento do mestrado, eu tomei posse do cargo e iniciei minha carreira como professor no Colégio Estadual de Tempo Integral Padre Luis Soares Palmeira (Vitória da Conquista, Bahia). No final do ano em questão, assumi apenas metade da minha carga horária de 40 horas, em um anexo desse colégio que ficava no distrito de Bate Pé (VCA/BA). Ali, o ensino era ofertado apenas no turno noturno com a modalidade EJA, ainda que a maior parte dos alunos não fosse maior de idade, com turmas de Tempo Formativo e de Tempo Juvenil. De início, apenas concluí o ano letivo de 2023, ministrando avaliações a partir do trabalho desenvolvido pelo professor que havia acompanhado essas turmas durante os meses anteriores e participando do conselho de classe. No ano seguinte, 2024, iniciei de fato o trabalho docente desde o princípio, com metade da minha carga horária no mesmo anexo de Bate Pé e metade na instituição sede, que inaugurou neste ano letivo a modalidade de ensino integral que deverá aos poucos se tornar a única ofertada para o ensino diurno, com sete horários diários de aula. Em 2024, portanto, eu trabalhava durante o dia com turmas de primeiro ano no ensino integral da sede, e pela noite com turmas de Tempo Juvenil e Tempo Formativo no anexo de Bate Pé. Já em 2025, consegui estabelecer a minha carga horária apenas na sede, trabalhando com turmas divididas em dois currículos diferentes: a) turmas de 2º ano do ensino integral; b) turmas de 3º ano remanescentes do ensino regular/por turno (as últimas matriculadas antes que o ensino integral fosse implementado, tendo assim o direito de concluir dentro do currículo inicial, nos turnos matutino e vespertino); e c) uma turma de Fluxo V (turma que condensa elementos do 2º e do 3º ano, ao passo que as turmas de Fluxo IV condensam elementos de 1º e 2º ano). Nesse sentido, tive a oportunidade e o grande desafio de trabalhar e obter experiência em diferentes realidades nesses dois anos. No primeiro, trabalhando na sede com ensino integral, que tinham 22 componentes curriculares (envolvendo tanto disciplinas da base quanto as chamadas “Estações de Saberes”, que são polos interdisciplinares

com maior concentração da carga horária), e com o EJA na zona rural da cidade (disciplinas da base com menor carga horária total e outras especificidades). No segundo, com as mesmas turmas do integral (agora no 2º ano), com turmas de 3º ano nos turnos matutino e vespertino (uma aula semanal de Filosofia) e com uma turma de Fluxo V (currículo adaptado e condensado).

OS ORGANIZADORES: Quanto a todos esses conteúdos, todos estão distribuídos em disciplinas? Se sim, quais você leciona?

JOSÉ ISAAC: São conteúdos distribuídos em diversas disciplinas, vou apresentá-las por parte para facilitar a resposta: **Filosofia:** no meu primeiro ano completo de trabalho (2024), eu tinha apenas 5 das minhas 26 aulas semanais reservadas para Filosofia, uma por turma, no EJA. No segundo (2025), essa carga horária passou para 12 das 26 aulas, uma por turma, sendo 5 em turmas de 2º ano (nas quais eu ministrava também dois horários semanais da Estação VII - Identidade e pertencimento com ênfase em relações étnico-raciais, totalizando 3 horários por semana), 6 em turmas de 3º ano e 1 em uma turma de Fluxo V. É difícil desenvolver um bom trabalho com apenas 1 horário semanal, especialmente levando em conta as diversas variáveis que interferem no contexto de cada turma, além de problemas gerais como a falta de vocabulário, hábito de leitura ou “bagagem” filosófica por parte da maior parte dos alunos. Ainda assim, me senti mais preparado, confortável e motivado quando trabalhei com a minha disciplina de formação, além de ter recebido um retorno melhor por parte dos meus alunos – tanto em termos de reconhecimento quanto de interesse pelas aulas. **b) Sociologia:** ministrei essa disciplina apenas por um ano nas turmas de EJA, com uma aula por semana. Foi um desafio por conta do tempo reduzido e pela minha falta de formação nessa área, especialmente se tratando do meu primeiro ano de trabalho. **c) Estação de Saberes VIII – Saberes da Diáspora, Direitos Humanos e Sociais:** trabalhei com esse componente com sete turmas de primeiro ano integral durante o ano de 2024. Foi bastante desafiador, por envolver mais conteúdos de História e Sociologia do que propriamente de Filosofia, mas fiz o possível para manter a dimensão filosófica presente e também aprendi bastante no decorrer dos meus planejamentos de aula, já que envolve conteúdos muito importantes. **s) Estação de Saberes VII – Identidade e Pertencimento com Ênfase em Relações Étnico-raciais:** Trabalhei com esse componente durante o ano de 2025 e foi novamente desafiador, especialmente por conter vários conteúdos e discussões em comum com a Estação VIII, levando em

7

conta que eram os mesmos alunos, mas agora no segundo ano. Mas fiz o melhor que pude e acredito ter desenvolvido um bom trabalho, especialmente nas cinco turmas com as quais eu também tinha a disciplina de Filosofia. Nestes casos, eram três aulas por semana (duas da Estação VII e uma de Filosofia), então eu busquei integrar ao máximo o desenvolvimento dos dois componentes para que o trabalho fosse potencializado.

OS ORGANIZADORES: Ainda tratando da sua formação, quais as áreas de interesse dentro da filosofia?

JOSÉ ISAAC: Essa é uma pergunta difícil, mas acho que as principais seriam ontologia, epistemologia e política. Todas elas desempenharam papéis importantes no meu interesse por Filosofia desde cedo, por mais que eu ainda não tenha me aprofundado como gostaria nos estudos de cada uma. Já na adolescência, sem dispor de ferramentas ou bagagem filosófica para elaborar minhas preocupações por completo, eu tinha uma grande inquietação em relação a uma questão que eu já julgava fundamental: o que seria “conhecimento” e quais seriam as formas de adquiri-lo.

OS ORGANIZADORES: Explique um pouco como a epistemologia se articula com as demais disciplinas....

JOSÉ ISAAC: Mais do que uma questão de metodologia científica, eu via aí um problema de acesso à realidade: o que posso conhecer? Como o mundo e suas características podem ser encontradas? Como delimitar o que é a realidade e quais são as suas maneiras de ser? Por sua vez, esse problema guardava também uma inquietação de ordem ética e política, uma vez que o julgamento sobre como agir e conviver com os demais pressuporia uma concepção de realidade. Foi apenas na segunda metade da graduação, lendo a fenomenologia heideggeriana, que pude entender (ou iniciar a minha compreensão a respeito, compreensão que ainda está em andamento) pela primeira vez de forma minimamente consistente o conceito de ontologia, e percebi que as preocupações que eu concebia como epistemológicas tinham uma raiz mais profunda: a compreensão ontológica sobre o ser em seus sentidos fundamentais, uma vez que as concepções epistemológicas já pressupõem de algum modo uma compreensão sobre o ser dos entes. A fenomenologia concebida por Heidegger foi o meu maior foco de estudo desde o início da minha relação com a Filosofia, e sigo interessado em desenvolver essa experiência do

pensamento. Todavia, atualmente me interessa principalmente por preencher algumas das lacunas fundamentais abertas nas demais áreas de meu interesse. Considero a epistemologia essencial, especialmente no contexto histórico que agora vivemos, marcado por fenômenos como a pós-verdade e o negacionismo científico, em uma sociedade que se sustenta cada vez mais sobre o conhecimento científico e as suas repercussões tecnológicas. E como esses conhecimentos todos não são meras abstrações, é inevitável que a Ética e a Política tornem o seu ponto de confluência: levando em conta estas ou aquelas determinações de ordem ontológica e estas ou aquelas concepções de ordem epistemológica, qual ou quais princípios de ação devem surgir? Que tipo de sociedade devemos criar? Como podemos ou devemos conviver politicamente? Nesse sentido, a filosofia prática tem se tornado uma área de cada vez mais interesse e pretendo aprofundar os meus estudos a respeito nos próximos anos.

OS ORGANIZADORES: Você participou do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) durante a sua graduação? Essa experiência contribuiu para a sua formação profissional, efetivamente? Cite algum diferencial.

9

JOSÉ ISAAC: Sim, e contribuiu bastante. Considero esse um programa fundamental para a formação de futuros docentes. O PIBID e o antigo programa de Residência Pedagógica foram muito importantes em minha trajetória, permitindo que eu tivesse contato ainda durante a graduação com diversas realidades escolares, e assim eu pude experienciar de forma concreta um pouco do que meu futuro guardava. Acredito que oportunidades como essas possibilitam que alguém compreenda melhor a carreira pela qual optou, uma vez que muitos podem ingressar em um curso ainda tomados de incerteza ou falta de clareza em relação a tudo o que ele envolve e à carreira profissional para a qual o curso o prepara. Isso pode ser positivo de duas formas: ou abrindo os olhos para quem não se sente realmente realizado dentro dessa profissão ou contribuindo para o engajamento daqueles que de fato se identificam com esse caminho. Além disso, o modo de organização do Programa fortalecia tanto a compreensão teórica quanto a prática em relação ao ensino de Filosofia, uma vez que as visitas para observação nas escolas eram intercaladas com reuniões nas quais ocorria tanto a socialização dessas experiências quanto a leitura coletiva de textos teóricos. Sinto que aprendi mais sobre a dimensão pedagógica do curso através do PIBID do que nas disciplinas do currículo ou no estágio. Também

é válido destacar a contribuição formativa da sistematização e escrita dos relatórios finais, assim como dos trabalhos que éramos convocados a apresentar em eventos científicos. Foi no PIBID que iniciei meu contato com a escrita de resumos simples para comunicação em eventos, e posteriormente desenvolvi essa capacidade específica ingressando no PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica). E por fim, resalto a importância desses programas por ampliar a possibilidade de permanência e dedicação ao curso através da oferta de bolsas, que foi fundamental para mim e para vários dos meus colegas.

OS ORGANIZADORES: Em relação ao curso de Licenciatura em Filosofia, como você o caracteriza?

JOSÉ ISAAC: Considero o curso muito bom, ainda que tivesse os seus problemas. Em parte, é inevitável que haja um distanciamento, dada a complexidade dessa profissão: qualificar adequadamente alguém para a docência é uma tarefa grande por si só, e o desafio de formar alguém no âmbito da Filosofia não é um desafio menor. Fazer ambas em quatro anos se torna inevitavelmente problemático, e até mesmo os conteúdos precisam passar por escolhas, com alguns sendo priorizados e outros sendo deixados de lado. Apesar de sentir falta de muitos conteúdos e leituras importantes, acredito que o curso me proporcionou uma base sólida para adentrar nos estudos em Filosofia, e lá obtive as ferramentas intelectuais para investigar por conta própria o que não foi trabalhado diretamente dentro das disciplinas.

10

OS ORGANIZADORES: É comum ouvirmos ex-alunos do curso criticando um certo distanciamento entre o que se estuda na graduação e o exercício docente no Ensino médio, como você percebe essa relação?

JOSÉ ISAAC: Falando da proximidade com a sala de aula, um ponto que poderia melhorar - em relação ao meu período de curso, no caso - seria uma maior consideração em relação à conjuntura concreta do ensino de Filosofia no Brasil em cada período. Por exemplo, em dois anos de trabalho, nem metade da minha carga horária até o momento foi contemplada com a disciplina de Filosofia, o que é um problema comum para professores da área, especialmente após as recentes reformas do ensino médio. Assim, acredito que poderia haver uma maior atenção ao preparo dos futuros docentes tanto para trabalhar especificamente com Filosofia, quanto para fazer uso dos conhecimentos adquiridos no curso quando for necessário se adequar a outros componentes. Contudo, é evidentemente problemático esperar que o curso

prepare os discentes para trabalhar com outras áreas, levando em conta que o tempo já se faz curto para o vasto escopo da própria Filosofia.

OS ORGANIZADORES: Como você imagina que seria essa integração e o que precisaria ocorrer para diminuir a distância entre a formação e a profissão?

JOSÉ ISAAC: Nesse sentido, acredito que seria fundamental promover uma maior integração com projetos de pesquisa e de extensão, o que potencializaria e poderia gerar mais engajamento entre os estudantes e docentes, além de aproximar o curso de Filosofia da sociedade. Nesse sentido, seria muito enriquecedor se houvesse mais estímulo à pesquisa com oferta de bolsas de PIBIC, por exemplo, assim como a busca por mais projetos que expandam especificamente o preparo para a docência, como o PIBID vem fazendo com muita qualidade.

OS ORGANIZADORES: Mesmo um programa de pesquisa (a exemplo do PIBIC) possui uma dimensão formativa? Como essa experiência marcou a sua formação?

JOSÉ ISAAC: Tive a oportunidade de participar do PIBIC tanto como voluntário quanto como bolsista, sob orientação da minha querida professora Caroline Vasconcelos Ribeiro, e isso representou um divisor de águas em minha formação, tal como o PIBID e a Residência Pedagógica. Nestes dois últimos, pude me aproximar mais da sala de aula do que em qualquer disciplina do currículo, e através do primeiro, lapidei minha capacidade de leitura, compreensão e escrita dos textos de Filosofia, razão pela qual destaco a importância de programas dessa natureza.

11

OS ORGANIZADORES: Para além do que você já afirmou sobre a sua formação, para você, quais os maiores problemas no Currículo do Curso de Filosofia da UESB?

JOSÉ ISAAC: Acredito que o currículo passou por modificações após minha saída do curso, e confesso que não estou atualizado sobre a organização curricular atual, mas focarei no currículo que eu pude de fato experienciar enquanto aluno do curso. Como disse na resposta anterior, o curso de Filosofia da UESB me proporcionou uma boa formação de base e me possibilitou desenvolver as ferramentas intelectuais para seguir aprofundando os meus estudos por conta própria. Cheguei ao curso com dezessete anos de idade e sem qualquer bagagem intelectual nessa área (além, é claro, das minhas próprias reflexões), então vejo essa etapa como absolutamente enriquecedora para a minha trajetória. Tendo em vista especificamente o currículo

do curso, posso citar três problemas principais, em parte já endereçados em respostas anteriores. *O primeiro* é o fato de que alguns filósofos e discussões importantes foram pouco ou nem um pouco abordados, ao passo que alguns outros foram trazidos em diferentes momentos. Por mais que isso seja compreensível dentro de certos limites, não deixa de ser um problema para a formação dos discentes. *O segundo* é a concentração das disciplinas do núcleo pedagógico em alguns períodos e a baixa integração entre elas e o restante do curso, o que cria um distanciamento e torna essa etapa mais cansativa e menos proveitosa. *O terceiro* é a falta de um diálogo mais atencioso com a conjuntura do ensino de Filosofia em determinados momentos, de modo que os professores nem sempre encerram sua formação tendo uma dimensão clara de como funciona a sua inserção no mercado de trabalho e de quais são as condições vigentes para o exercício de sua profissão como professor de Filosofia.

SEÇÃO II - ATUAÇÃO PROFISSIONAL

OS ORGANIZADORES: Após tudo o que já afirmou fica evidente que a Filosofia é uma área de conhecimento, a um só tempo, muito específica e muito ampla. **Como você define ou caracteriza a Filosofia?** 12

JOSÉ ISAAC: Essa é uma questão que responderei, direta ou indiretamente, por toda a minha vida – a Filosofia não é um fim, mas um caminho. Não pretendo, portanto, apresentar qualquer resposta “objetiva” ou “absoluta”, assim como não considero necessário que isso seja feito. Isso não significa cair em um relativismo barato, considerando que *qualquer* definição seria igualmente válida, mas sim respeitar a complexidade inerente a essa experiência do pensamento, cuja abrangência escapa a definições técnicas e exclusivas, reconhecendo que diferentes definições têm sua validade assegurada, a depender do foco pelo qual se aborde a questão. Traçarei então uma breve reflexão acerca de algumas das características que tenho como fundamentais para a prática filosófica, e buscarei ao fim sintetizar uma definição que se faça clara. Primeiramente, vale destacar que podemos responder a essa pergunta por diferentes ângulos: a Filosofia como um campo do conhecimento, como uma prática caracterizada por determinada atitude diante da realidade, como uma tradição específica na história do pensamento etc. Focarei nos dois primeiros casos. No primeiro, podemos conceber a Filosofia como uma área específica da

investigação e reflexão humanas diante da realidade, dedicada a pensar sobre a realidade que nos cerca de forma sistemática e rigorosa.

OS ORGANIZADORES: Mas ao afirmar isso você não está correndo o risco de equiparar a filosofia à outras disciplinas, o que seria próprio da filosofia?

JOSÉ ISAAC: Nesse sentido, ela não se confunde com opiniões espontâneas e descompromissadas, pois constitui um esforço teórico organizado, construído historicamente por uma diversidade de seres humanos e reconhecido por uma série de aspectos como uma forma legítima de conhecimento. Embora não se traduza como um saber necessariamente “útil”, técnico ou empiricamente verificável, a Filosofia desenvolveu ao longo do tempo um escopo de problemas próprios, assim como de métodos de análise e argumentação específicos que permitem interpretar criticamente tanto a experiência cotidiana quanto a totalidade dos saberes e experiências científicos, artísticos, políticos, religiosos etc. Com base nessa concepção, podem ser construídos cursos de graduação ou disciplinas escolares voltadas especificamente para o estudo e para a pesquisa especificamente da Filosofia, por exemplo. Todavia, a Filosofia não se reduz a um corpo fixo de conteúdos ou à história do que fizeram em seu nome no decorrer do tempo. Partindo para o segundo ângulo citado, podemos dizer que o que a diferencia é que a filosofia é caracterizada por um tipo de atitude diante do mundo, que pode também ser encarada tanto por um aspecto “natural” – ou “existencial”, utilizando um termo que considero mais preciso –, quanto por seu aspecto particularmente metodológico.

13

OS ORGANIZADORES: A sua resposta ajuda a compreender as dificuldades relativas à formação profissional nessa área. Como articular essa sua concepção de filosofia e a formação?

JOSÉ ISAAC: O ponto de partida para a prática filosófica é uma atitude ou comportamento existencial, isto é, um modo particular de ser e colocar-se no mundo: um modo de olhar para o que se apresenta diante de nós. Cotidianamente, os seres humanos tendem a se ocupar de sua sobrevivência e demais necessidades sem uma grande abertura para questionamentos ou reflexões teóricas acerca de boa parte do que o cerca – o mundo é como é e faz sentido como sempre fez, as concepções do senso comum são assumidas como evidentes, as relações sociais vigentes são tais como a natureza simplesmente determinou, e assim por diante. A

Filosofia brota de um estranhamento ou admiração diante da complexidade da realidade, quando se é arrebatado – súbita ou paulatinamente – por uma certa ruptura desse senso de normalidade que nos torna ignorantes para os movimentos e para as relações internas do pensamento e de sua interpretação do mundo.

OS ORGANIZADORES: Você poderia detalhar mais esse estranhamento e mostrar como ele se articula com a filosofia e a atitude filosófica?

JOSÉ ISAAC: A partir desse estranhamento, surge uma atitude metodológica que é marcada por um olhar rigoroso, radical, aberto ao questionamento e racionalmente articulado sobre a realidade. Sinteticamente, *rigor* indica aqui o cuidado extremo tanto com a fidelidade aos fenômenos e à sua maneira de mostrarem-se quanto com a elaboração conceitual e argumentativa do próprio pensamento: nesse sentido, filosofar não é apenas pensar sobre a vida de forma absolutamente abstrata e descompromissada, como muitos pensam. Um pensamento filosófico deve ancorar-se fielmente aos fenômenos e prezar pela coerência interna de sua interpretação, assim como pela clareza de suas implicações. Além disso, a atitude filosófica é essencialmente *radical*, no sentido de que se dispõe sempre a buscar as raízes ou fundamentos dos problemas e dos próprios conceitos elaborados com a pretensão de respondê-los. Dessa forma, a Filosofia procura desvelar criticamente os pressupostos explícitos ou implícitos que orientam as diversas crenças, valores, teorias ou conceitos. Ela investiga os fundamentos, isto é, aquilo em que essencialmente se baseiam as diferentes concepções de realidade, examinando as relações necessárias ou contingentes entre elas, assim como as suas implicações internas e externas.

14

OS ORGANIZADORES: O que é próprio dessa postura que você está descrevendo?

JOSÉ ISAAC: Fazendo isso, a atitude filosófica permite identificar limites, tensões e possibilidades nos discursos científicos, morais, políticos, culturais etc., evitando tanto o relativismo exacerbado quanto o dogmatismo ingênuo. Além disso, a Filosofia se apresenta em cada reflexão metodológica que precede as diversas abordagens científicas, por exemplo, delimitando os seus critérios epistemológicos e os seus conceitos fundamentais – a pesquisa empírica desenvolvida na Biologia pressupõe uma definição teórica do que seria a vida e de quais poderiam ser os modos adequados de estudá-la, e assim por diante. Por lidar com questões amplas e

de alto nível abstrato que precedem até mesmo a simples observação da experiência, o pensamento filosófico é marcado também por uma abertura permanente ao questionamento e à revisão constante, opondo-se essencialmente ao dogmatismo. A atitude filosófica desvela, entre outras coisas, que o conhecimento humano é histórico, situado e falível, desenvolvendo-se de forma dialógica/dialética por concordâncias e discordâncias. O conflito de ideias não é um obstáculo, mas um motor: no diálogo crítico os conceitos são refinados e atualizados, os argumentos são fortalecidos ou refutados, os equívocos são corrigidos ou ao menos identificados. A Filosofia não oferece verdades finais, mas processos contínuos de interpretação da realidade – longe de ser uma fraqueza, esse é o seu trunfo. Um conhecimento assumidamente falível ou contingente é certamente preferível a uma ilusão reconfortante.

OS ORGANIZADORES: Você poderia explicar melhor como essa profusão de relações – da filosofia consigo mesma e com outras áreas de saber – se articula discursivamente, sem ser um discurso dogmático?

JOSÉ ISAAC: Posso sim. Pois entendo que a Filosofia se constitui em um pensamento articulado racionalmente porque se compromete com a coerência lógica e com a justificação de suas concepções, utilizando-se de uma linguagem que possa ser, ainda que não universal, ao menos acessível ao máximo possível de pessoas. Desse modo, as interpretações filosóficas não precisam nem podem ser simplesmente aceitas como absolutas, e tampouco forçadas ao pensamento de alguém – elas podem e devem ser discutidas, analisadas, demonstradas, evidenciadas, contra-argumentadas etc. Assim, o conhecimento filosófico não se baseia apenas em impressões subjetivas, mas em interpretações e argumentos que podem ser apresentados, avaliados e discutidos publicamente. A exigência de autojustificação torna possível que as concepções filosóficas sejam ponderadas por outros seres humanos, submetidas à crítica e colocadas à prova no espaço do diálogo.

15

OS ORGANIZADORES: Na sua perspectiva como o ser humano pode acessar todo esse manancial teórico-especulativo que a filosofia proporciona?

JOSÉ ISAAC: É evidente que a possibilidade de acessar concretamente essa potencialidade é sempre mediada por condições históricas e sociais diversas, mas o discurso racional permite que as concepções de mundo sejam no mínimo passíveis de diálogo a partir de uma capacidade presente na maior parte das pessoas – o que

está longe de ser perfeito, mas ainda é a melhor chance que consigo enxergar. Cabe a nós, enquanto sociedade, lutarmos para que esse potencial seja cada vez mais democratizado, e para que a Filosofia passe a ser povoada também pelas perspectivas de todos aqueles que ainda são silenciados.

OS ORGANIZADORES: Poderíamos afirmar, então, que é através de suas próprias questões e descobertas que a filosofia se torna uma área específica do saber?

JOSÉ ISAAC: De certo modo sim. A Filosofia não se restringe ao que pode ser verificado ou falseado empiricamente, e muito menos ao que se enquadra em padrões quantificáveis, exatos ou técnicos e utilitários, como é comumente valorizado nas ciências modernas. Não é absolutamente pessoal, relativa e poética, como ocorre com as diversas formas de arte. Não habita a visão pessoal e cultural de cada um a partir de uma aceitação dogmática que não exige evidências lógicas ou fenomênicas, como ocorre com a vivência religiosa. Cada um desses campos tem inestimável valor para a existência humana a seu modo, e a Filosofia constitui mais uma experiência do pensamento, com riquezas e limites específicos. Assim, entendo por Filosofia uma forma a partir da qual os seres humanos buscam conhecer a si mesmos, aos outros e ao mundo de maneira rigorosa, radical ou fundamental, questionadora e racional. Seja analisando as concepções existentes ou construindo uma nova, a atitude filosófica tem sempre em vista o pensamento em sua totalidade: das mais profundas raízes aos mais altos galhos, dos fundamentos mais sutis às implicações mais longínquas. Por isso mesmo, se estende nas mais diversas preocupações e as investiga de forma articulada: as bases ontológicas ou metafísicas, as implicações e justificativas éticas e políticas, as visões sobre a beleza e a arte, e mesmo a essência da própria linguagem e do conhecimento.

16

OS ORGANIZADORES: Sua resposta anterior leva, naturalmente, a outras questões. Você acha que é próprio da filosofia incomodar, nos tirar do lugar comum?

JOSÉ ISAAC: Nesse sentido, o pensamento filosófico é frequentemente aquele que se preocupa com o não-dito, com o implícito, com aquilo de que muitas vezes sequer nos damos conta ou mesmo nos recusamos a encarar, mas que ainda assim vigora e condiciona fundamentalmente as nossas existências. Nisso se radica a sua natureza muitas vezes incômoda para todos aqueles que desejam engessar e estagnar o

movimento inerente ao pensamento. A pobreza de espírito será sempre constrangida pelo olhar implacável da atitude filosófica, pois não sobrevive além da superficialidade.

OS ORGANIZADORES: Todas as suas respostas, no que diz respeito a natureza da filosofia e articulação dela com existência humana historicamente situada e passível de ser questionada, etc... está ancorada em algum autor ou sistema filosófico ou obra específica ou situação específica ou algum outro acontecimento?

JOSÉ ISAAC: Primeiramente, acredito que essa definição se relaciona ao modo pelo qual eu venho vendo o mundo desde algum ponto da minha adolescência – a atitude existencial que citei na resposta anterior. Filósofos, professores e situações diversas influenciaram o desenvolvimento e a sustentação dessa perspectiva, mas os seus aspectos fundamentais se apresentaram para mim muito antes de ter uma boa aula ou ler um livro de Filosofia. Nesse sentido, o que hoje posso chamar de atitude filosófica surgiu primeiramente, ainda que embrionariamente, não como uma atitude propriamente metodológica, mas como um estranhamento, perplexidade ou admiração diante de uma complexidade que saltava aos meus olhos antes que qualquer escolha pudesse ser feita – negá-la seria como tentar deixar de enxergar enquanto meus olhos estivessem abertos. Esse estranhamento se manifestou de formas diversas, surgindo quase que afetivamente, como se a elaboração racional, através de uma questão específica, viesse apenas depois, para traduzir o que já se desvelara. É como uma coceira que inevitavelmente perturbava qualquer conforto diante das concepções de mundo simplesmente dadas que me cercavam. Ouvir uma explicação qualquer sobre a existência [quase] sempre me despertou uma inquietação em relação ao porquê, ao como, aos *fundamentos* e às diversas relações entre estes polos e os constructos que sobre eles se erguem.

17

OS ORGANIZADORES: Essa inquietação – que podemos dizer que é parte da própria filosofia –, surgiu a partir de questionamentos específicos ou mais gerais?

JOSÉ ISAAC: Eu percebi muito cedo que cada visão se articula a uma série de outras visões, que cada pensamento se funda e radica em uma série de outros pensamentos, que cada concepção de mundo guarda relações necessárias e contingentes com outras diversas concepções, e que cada uma destas congrega inevitáveis implicações.

Essa percepção inquietante pode ser uma maldição, gerando constantemente perguntas, incertezas, dilemas e desconfortos, mas a vejo também como uma dádiva da qual eu jamais desejaria ser poupado. Como diferenciar o que é real do que não o é? Como definir o que é o conhecimento e quais são os seus tipos e validades? Como julgar que tipo de ação é correta ou incorreta, aceitável ou inaceitável? Como conviver de forma justa com os outros? Como definir quais práticas sociais devem ser seguidas e quais devem ser combatidas? Enfim, como responder a essas e a várias outras perguntas sem recorrer a dogmas incommunicáveis que só podem fazer sentido para determinados grupos ou indivíduos, pois não são passíveis de demonstração ou discussão real? Como encontrar sentido pra vida através de uma atitude acessível ao máximo possível de pessoas de forma aberta a diálogo, e não baseado no constrangimento alheio ou próprio? Tudo isso ocupava minha mente como um turbilhão, naquela época.

OS ORGANIZADORES: São perguntas profundas. Durante o ensino médio, a disciplina de filosofia auxiliou na elaboração de uma resposta?

JOSÉ ISAAC: Durante o ensino médio, não posso dizer que fui feliz com as aulas de Filosofia que pude assistir. Tenho orgulho de ser de uma cidade pequena do interior da Bahia chamada Presidente Jânio Quadros. Naquela época convivi com a falta de professores em certos períodos e outros problemas do tipo. Mas tive a sorte de encontrar, ainda que em um contexto improvável, amigos que partilhavam do mesmo tipo de inquietação, e em nossas conversas constantes eu pude desenvolver cada vez mais esse olhar. Me lembro de quando um desses amigos me dava uma carona pra casa após alguma saída, mas nos envolvíamos tanto nos diálogos que acabávamos ficando ali até duas ou três horas da manhã antes que eu de fato entrasse para dormir.

18

OS ORGANIZADORES: De fato a filosofia possui algo de existencial, mesmo quando ainda em uma fase prévia a elaboração teórica. Como foi o seu contato com a filosofia, na Universidade?

JOSÉ ISAAC: Já no curso de Filosofia da UESB, passei a ter contato com a tradição filosófica de forma rigorosa e orientada, e aos poucos colhi influências tanto de professoras e professores, quanto de diversos filósofos clássicos ou contemporâneos. Um dos primeiros filósofos a me chamar a atenção foi David Hume, cujo ceticismo parecia traduzir muitas das minhas reflexões acerca do conhecimento e da nossa

relação com o mundo. Posso também citar Immanuel Kant, cuja elaboração epistemológica trouxe conceitos que me pareceram tratar de forma ainda mais radical e sofisticada das preocupações que ocupavam minha mente, parecendo dar nome a percepções que eu já carregava sem saber como nomear. E também é válido mencionar Jean-Paul Sartre e Karl Marx, com os quais eu tive pouco contato durante o curso, mas sigo desde então interessado em estudar mais a fundo, devido às suas defesas de uma filosofia engajada na transformação concreta do mundo.

OS ORGANIZADORES: Normalmente na graduação os discentes se identificam com um ou alguns autores ou período da filosofia. Você possui um autor que você considera seu principal autor?

JOSÉ ISAAC: Tenho um. Eu preciso citar Martin Heidegger, filósofo cujo pensamento eu estudei com maior profundidade e atenção com a orientação da minha querida e admirada professora e orientadora Caroline Vasconcelos Ribeiro. Através das leituras de Heidegger, acredito ter compreendido verdadeiramente pela primeira vez o termo “ontologia”, que já ouvira várias vezes até a metade do curso, quando iniciei esses estudos. Percebi que o fundamento primeiro não estava na epistemologia, mas na ontologia – a busca pela compreensão basilar sobre o sentido de ser, que precede até mesmo qualquer definição acerca do conhecimento. A partir da fenomenologia heideggeriana, a Filosofia se desvelou mais do que nunca para mim como um pensamento radical e absolutamente rigoroso diante da existência. Essa perspectiva não deu resposta para todas as minhas inquietações, mas definitivamente aguçou minha capacidade para perguntar, e reforçou em minha formação a necessidade de nos voltarmos para os próprios fenômenos, ao invés de limitar a sua aparição ou desvelamento apenas ao que nossas teorias exigem previamente deles. Os conceitos devem brotar da própria realidade, e não enquadrá-la em uma interpretação ideal prévia.

19

OS ORGANIZADORES: Como chegou a essa definição? Por alguma disciplina específica? Por algum curso ou Programa de formação, uma palestra ou outra situação?

JOSÉ ISAAC: Não foi por nenhuma disciplina ou curso específico, mas pela soma de todos esses pontos. Já relatei nas últimas respostas os pontos essenciais desse desenvolvimento, que passou por fases da minha adolescência e também pelo meu contato com a tradição filosófica após ingressar no curso de Filosofia da UESB. Para

além disso, vale ressaltar a influência do PIBID, da Residência Pedagógica e especialmente do PIBIC no aprofundamento da minha relação com a Filosofia. Os dois primeiros foram fundamentais para que eu situasse minha compreensão sobre essa área no contexto educacional e refletisse sobre o que seria isso que eu pretendia ensinar. Já no PIBIC, tive o privilégio de fazer dois anos de iniciação científica sob orientação da professora Caroline Vasconcelos e assim passei a fazer as leituras mais densas e os estudos mais aprofundados do meu período de graduação, me apoiando também nas orientações e em grupos de estudo.

OS ORGANIZADORES: Ter uma clareza sobre a natureza da filosofia e saber onde você se situa dentro da tradição filosófica, auxilia você na elaboração seu planejamento e na forma como ministra suas aulas?

JOSÉ ISAAC: Influência, é claro, uma vez que atua como pressuposto ou fundamento, seja direta ou indiretamente. Ainda assim, não trabalho com a apresentação de uma definição única e absoluta de Filosofia, nem dedico as minhas aulas a conduzir os meus alunos a essa compreensão estática. Por mais que sempre existam traços gerais presentes nas aulas, geralmente ancorados em alguns dos aspectos que citei nas respostas anteriores, a maneira como esse campo do saber é apresentado precisa ser adaptada ao contexto de cada turma e das condições disponíveis para cada plano de curso e de aula. Por exemplo, em 2025 eu precisei iniciar o ano traçando uma visão básica do que a Filosofia significa e abarca com todas as turmas de terceiro ano, após diagnosticar uma completa ausência dessa bagagem conceitual, mas com o cuidado de não desrespeitar os conteúdos programados para esses estudantes em seu currículo – essa reflexão sempre deve estar presente, mas o seu destaque seria – em tese ao menos – reservado para o primeiro ano, de modo que no terceiro as discussões pudessem estar em um nível mais profundo. Além disso, certas definições e conceitos são simplesmente infrutíferos em contextos nos quais simples termos comuns da Filosofia demandam longo tempo para apresentação, por falta de vocabulário ou hábito de leitura nas turmas, etc. Mas esse cuidado, por si só, já indica o tipo de relação que eu concebo como válida diante da Filosofia – a depender da concepção adotada, um professor pode ver como necessária a assunção e memorização de uma definição bastante estrita e “objetiva”, por exemplo. Quanto a mim, busco ajustar a abordagem a cada contexto. Considero muito importante proporcionar aos meus alunos, no mínimo, uma compreensão média acerca do que caracteriza a Filosofia, mas vejo como

verdadeiramente fundamental criar as condições para que tenham uma experiência filosófica. Sei que a maior parte dos estudantes não sairá do ensino médio com um amplo domínio da história da Filosofia, mas estudar essa história de forma dialógica é um meio para que vivenciem uma abertura de pensamento que poderá acompanhá-los por toda a vida, aprofundando seus olhares para suas próprias existências e para o mundo no qual convivemos.

OS ORGANIZADORES: Em relação a sua prática docente qual foi a sua maior influência teórico-metodológica na graduação? Ela impacta sua prática de ensino? De que forma?

JOSÉ ISAAC: Em termos teóricos, percebo influências de diversas abordagens, mas posso ressaltar a pedagogia histórico-crítica, que me foi apresentada através de textos de Dermeval Saviani, tanto em disciplinas quanto em reuniões do PIBID. É comum – desde os meus tempos de ensino médio, diga-se de passagem – ouvir de alunos ou egressos do ensino médio que a escola “não serve para nada”, que aprendemos sobre conceitos de biologia, matemática, história ou filosofia que “jamais usaremos em nossas vidas”, que poderiam muito bem ser completamente substituídos por conhecimentos “úteis” como aprender sobre finanças, empreendedorismo, mercado de trabalho etc. Por mais que esse pensamento não seja completamente infundado, geralmente se constitui com uma de modo superficial e equivocado em relação ao papel social da escola e às suas potencialidades. Concordo que a escola poderia oferecer – desde que isso ocorresse de forma bem fundamentada e com o devido preparo – mais conhecimentos práticos e aplicáveis aos cidadãos que a frequentam, auxiliando na sua gestão financeira, na sua inserção no mercado de trabalho, na compreensão da organização e dos poderes políticos institucionalizados, entre outros temas desse tipo. Todavia, considero fundamental que os estudantes tenham garantido também o acesso aos conhecimentos científicos e filosóficos desenvolvidos e acumulados pelos seres humanos em suas diversas áreas. Um adolescente não sabe de imediato qual a relevância que determinados conhecimentos terão em sua vida como um todo. Aprender sobre as preocupações práticas mais imediatas para a sua sobrevivência é importante, mas reduzir a educação à instrução para vida em um determinado modelo de sociedade é transformar o cidadão em mera mão de obra funcional, inclusive retirando de seu horizonte a possibilidade de transformação dessa realidade social. Acessar o conhecimento adquirido e sistematizado no decorrer da história humana é um modo de ampliar a compreensão sobre a própria

existência e as condições históricas que a influenciam. Desse modo, busco construir meus planos de curso levando em conta a garantia desse acesso aos meus alunos, não como simples memorização forçada, mas como um convite a um diálogo crítico que permita a apropriação desse saber. Do ponto de vista da experiência enquanto discente do curso, minha principal influência brotou das aulas da professora Caroline Vasconcelos Ribeiro, que posteriormente se tornou também a minha orientadora. Com ela, aprendi sobre a importância de aliar o rigor conceitual à criação de um ambiente acolhedor. Intercalando leituras de citações diretas dos filósofos estudados à sensibilização de diversas obras de arte, mesclando exposição teórica densa com diálogos e exemplos leves do cotidiano, vinculando a cobrança de seriedade nas avaliações a um senso de empatia e generosidade, eu percebi o quanto essas dimensões da educação não se opõem, mas antes se potencializam. Hoje, trabalhando há pouco mais de dois anos como professor, eu percebo cada vez mais a influência e a eficácia dessa perspectiva em minha atuação.

OS ORGANIZADORES: Pensando em seu período de formação pedagógica (na Universidade) você identifica alguma disciplina ou algum itinerário que mais contribuiu na sua formação profissional?

22

JOSÉ ISAAC: Honestamente, não tenho disciplinas específicas em mente. Foi o seu conjunto que determinou o papel que cada uma veio a ter em suas contribuições específicas. Lendo Heidegger nas disciplinas de História da Filosofia Contemporânea ofertadas na segunda metade do curso, por exemplo, eu compreendi, pela primeira vez, com clareza alguns dos conceitos de Platão ou Aristóteles estudados nos primeiros semestres. Por outro lado, só pude compreender em alguma medida o pensamento heideggeriano por carregar naquele estágio a bagagem de todas as aulas e leituras feitas anteriormente. As disciplinas focadas propriamente no ensino de Filosofia também não teriam seu impacto se eu não dispusesse naquele ponto de algumas concepções acerca dessa área do conhecimento.

OS ORGANIZADORES: Você mencionou antes que leciona filosofia a pouco mais de dois anos. Como você se posiciona, profissionalmente, em relação ao embate: *ensinar filosofia* ou *ensinar a filosofar*?

JOSÉ ISAAC: No fim das contas, vejo como polos essencialmente complementares. Como já indiquei em uma resposta anterior, acredito que o foco principal deva estar

em ensinar a filosofar. Contudo, filosofando se aprende Filosofia, e aprendendo Filosofia, se aprende a filosofar. Não considero que o ensino da tradição, dos conceitos consolidados ou da história da Filosofia deva ser um fim em si mesmo, e não faço questão de que todos ou o máximo possível dos cidadãos adquiram esse conhecimento apenas enquanto uma memorização do que várias outras pessoas pensaram e argumentaram. Mas vejo esse estudo como um meio para aprender também a pensar como os filósofos e, assim, familiarizar-se com uma atitude filosófica diante da realidade. Livro algum pode ensinar a filosofar por si só – esse caminho existencial precisa ser traçado pelos próprios passos por cada um que o busca. Mas a leitura da filosofia clássica e contemporânea, desde que seja desenvolvida enquanto um diálogo com esses pensadores e pensadoras, torna o caminho menos solitário e árduo. Além disso, se conduzida filosoficamente, não se trata apenas de uma leitura simplesmente dada do que outros pensaram e argumentaram: a Filosofia permite compreender radicalmente as relações internas nas mais diversas concepções, seus fundamentos e suas implicações. Dessa forma, estudar a história do pensamento é também investigar o mundo em que vivemos e as suas possíveis transformações. Aprendendo a filosofar, pode-se compreender a Filosofia como memória viva e em movimento, não como um pensamento morto.

23

OS ORGANIZADORES: Qual a importância das disciplinas intituladas de núcleo pedagógico na sua formação profissional? Quais considerações você faria a respeito dessa questão?

JOSÉ ISAAC: Foram muito importantes, já que se tratava de uma formação para o ensino de Filosofia. Através dessas disciplinas, eu tive contato com os documentos oficiais que regem a educação brasileira e com o contexto histórico em que se situaram, e estudei sobre diversas perspectivas educacionais, tanto no âmbito filosófico quanto no campo propriamente pedagógico. Além disso, fiz leituras e discussões voltadas especificamente para o ensino de Filosofia, o que aprofundou minha percepção sobre essa área e ampliou meus horizontes sobre os diversos caminhos pelos quais ela pode ser trabalhada em sala de aula. Acredito que essa parte da minha formação teria sido mais proveitosa se as disciplinas do núcleo pedagógico de modo geral estivessem mais atreladas às especificidades do trabalho com Filosofia, como ocorreu nesses casos. Além disso, pelo que me recordo, havia uma maior concentração dessas disciplinas ao final do curso, sendo ministradas por diferentes professores da área de Educação. Dessa forma, sinto que faltava uma

maior integração ou diálogo interno entre essas disciplinas e o curso de Filosofia, o que poderia ter favorecido ao aproveitamento dos conteúdos e a gestão das etapas de formação. Isso poderia evitar a sensação de cansaço e repetição que muitas vezes foi mencionada por mim e por outros colegas nessa fase do curso. Acredito não ser uma questão de quantidade, mas de organização. Se essas disciplinas estivessem distribuídas estrategicamente no decorrer dos semestres e houvesse um planejamento mais integralizado entre o que seria trabalhado em cada disciplina, com maior foco no preparo específico para o ensino de Filosofia (o que não significa negligenciar os conhecimentos gerais sobre educação que também são fundamentais), acredito que teria sido ainda mais proveitoso. Dito isso, aprendi muito durante esse período e colho esses frutos no atual momento da minha carreira profissional. Aprender a ser professor também exige estudos específicos.

OS ORGANIZADORES: Como você se define, na condição de professor de filosofia da rede estadual?

JOSÉ ISAAC: Considero esse um trabalho de importância fundamental e uma responsabilidade enorme, mas cada vez menos valorizada. Me orgulho muito de ser professor da rede pública de ensino, mas me entristeço com o crescente desrespeito tanto por parte dos estudantes e de suas famílias, quanto por parte dos próprios órgãos institucionais que regem o nosso trabalho. O plano de carreira docente tem sido terrivelmente sucateado e vinculado a estratégias nefastas para impulsionamento da aprovação quase irrestrita do alunado. Nos últimos dois anos, até mesmo o ato de um professor se alimentar da merenda escolar se tornou foco de repetidas medidas, insinuações e cobranças no cotidiano da escola. Vivemos em uma época em que o estado se preocupa mais em vigiar e punir os professores do que em cobrar os próprios estudantes por comprometimento e somos frequentemente responsabilizados por problemas sociais diversos que ultrapassam em muito a sala de aula, assim como por sua resolução. Dito isso, sigo me orgulhando muito da profissão que escolhi e do cargo que ocupo, pois sei que a função social que desempenho junto aos meus colegas está entre as mais belas e importantes.

24

OS ORGANIZADORES: Você acredita que o seu papel como professor impacta a vida dos alunos e, em certa medida, pode ser caracterizado revolucionário?

JOSÉ ISAAC: Por mais que o cenário geral seja muitas vezes desanimador, aprendi que o potencial transformador da educação não se realiza apenas nas manifestações

em grande escala, com revoluções estruturais imediatas. Antes de tudo e mais fundamentalmente, ele se realiza nas micro relações e nas revoluções silenciosas que se desdobram nas vidas de tantos estudantes. Ser professor oferece a oportunidade de observar de perto o amadurecimento e o aprendizado de muitos jovens, e de contribuir minimamente para sua evolução e para a ampliação de seu horizonte de possibilidades. Nesse processo, um estudante pode ter sua vida transformada e encontrar caminhos que sequer considerava possíveis. Acho isso muito bonito e, mais além, entendo que nessas caminhadas também se constrói, mesmo que lentamente, uma perspectiva de sociedade mais democrática e justa.

SEÇÃO III - FILOSOFIA E OS ESTUDANTES

OS ORGANIZADORES: Neste último bloco da nossa entrevista, gostaríamos de saber qual a sua percepção da relação dos estudantes com o ensino, de modo geral, como você observa o envolvimento dos alunos com as atividades de ensino?

JOSÉ ISAAC: O relacionamento dos estudantes com qualquer disciplina depende de uma série de variáveis: para além do interesse em cada componente curricular específico, a relação que estabelecem com a vida escolar como um todo é muito determinante. Nesse sentido, por exemplo, um aluno que tem duas aulas semanais de Filosofia tende a considerá-la de forma bastante diferente do aluno que tem apenas uma; uma aluna cujo currículo comporta 10 componentes curriculares perceberá cada disciplina de modo distinto da estudante que precisa dar conta de 22 componentes diferentes; o aluno que frequenta a escola durante um turno e a aluna que frequenta o ensino integral com 7 ou 9 horários diários lidarão diferentemente com cada aula ou atividade proposta; etc. Além disso, a organização da escola e a postura em relação a avaliações e aprovações também é determinante. Esse esclarecimento é necessário para que não se analise a situação de forma superficialmente isolada, o que é inclusive um desafio constante no cotidiano da sala de aula: manter a clareza de que cada aluno está lidando simultaneamente com outras cargas de trabalho, e que sua postura diante de determinado professor ou disciplina não se limita a um posicionamento pessoal diante daquela aula, mas antes resulta de várias outras especificidades. E estou dizendo isso sem nem mesmo adentrar nas várias camadas de problemas sociais, econômicos, familiares, etc.

25

OS ORGANIZADORES: Nesse contexto que você descreveu acima, gostaríamos de saber como os estudantes se relacionam com a disciplina Filosofia? Eles a entendem como importante no currículo ou como algo apenas obrigatório?

JOSÉ ISAAC: Eu vivenciei diferentes experiências com meus alunos nos últimos dois anos. A maior parte dos alunos age com desinteresse, mas não posso dizer que isso se restringe à Filosofia, uma vez que essa reclamação é unânime entre os meus colegas de outras áreas. No entanto, percebo um agravante no que tange a essa disciplina: a maioria não tem sequer experiências do seu senso comum que lhes permitam se familiarizar de alguma forma com o pensamento filosófico ou considerar a sua prática algo relevante, especialmente diante do aparente fortalecimento de uma perspectiva que privilegia sempre (e de novo) apenas o que abre maiores possibilidades de ganhar dinheiro – o estudo e o ensino superior como um todo tem recebido cada vez mais ataques, diga-se de passagem. Além disso, o próprio currículo sugere a desimportância dessa disciplina. Nas turmas nas quais trabalhei com EJA, os alunos tinham duas aulas semanais de diferentes disciplinas eletivas, como por exemplo uma intitulada “Aventuras em Série” (que sugeria o estudo de diversos temas de história através do diálogo com histórias de ficção como Harry Potter ou Percy Jackson e os Olimpianos), mas apenas uma de Filosofia e uma de Sociologia. Com as turmas de terceiro ano com as quais trabalhei em 2025, lecionei apenas uma aula por semana – quando se tratava do primeiro horário, pelo menos metade da turma chegava após a metade da aula, e quando feriados ou suspensões de aula se alinhavam, eu chegava a passar um mês sem contato com a turma. Já nas turmas de segundo ano do ensino médio integral, novamente uma aula por semana de Filosofia (que eles sequer terão no terceiro ano, seguindo o currículo vigente no seu período de ingresso no ensino médio), dentre as trinta e cinco aulas semanais divididas em vinte e dois componentes curriculares. Ao mesmo tempo, tiveram no primeiro e no segundo ano dois horários semanais de diversas “Estações de Saberes” – algumas com temas pertinentes, mas que poderiam ser tratadas no escopo das disciplinas da base, e outras que julgo um pouco mais problemáticas: posso citar “Atendimento comercial” e “Empreendedorismo e Inovação”, para as quais os professores em sua maioria sequer receberam preparo específico para planejar e ministrar tais conteúdos – em geral, recebemos uma ementa básica e temos que criar os materiais por conta própria. Faço toda essa contextualização para que o cenário se torne um pouco mais claro. É difícil valorizar um campo do saber quando o próprio sistema de organização oficial do seu estudo parece indicar a sua

irrelevância. Diante da imensa quantidade de horas em sala de aula e trabalhos avaliativos, qual será a tendência de um adolescente que estuda no ensino médio integral focar as suas energias em uma disciplina com uma aula dentre as trinta e cinco que precisa frequentar durante a semana, por exemplo?

OS ORGANIZADORES: Mesmo diante desse cenário que você acaba de descrever, há experiências filosoficamente marcantes e que faz a profissão valer a pena?

JOSÉ ISAAC: Sim. Tive também a felicidade de encontrar muitos alunos interessados, especialmente nessas já citadas turmas de segundo ano do ensino médio integral. Para tanto, vejo como fundamentais tanto o contato e vínculo prévio que eu havia construído com esses alunos (fui professor da Estação VIII – Saberes da Diáspora e Direitos Humanos e Sociais durante o seu primeiro ano, em 2024), quanto o fato de eu ministrar tanto a disciplina de Filosofia (uma aula) quanto a Estação VII – Identidade e Pertencimento com Ênfase em Relações Étnico-raciais (duas aulas) nas mesmas turmas em 2025, totalizando três aulas semanais. Desse modo, apesar dos desafios, pude investir em um esforço para trabalhar esses dois componentes de forma relativamente integrada, potencializando nas aulas da Estação VII o que eu fazia no curto tempo de aula da minha disciplina de formação. Com essas turmas, trabalhando simultaneamente com temas de Filosofia, História e Sociologia – mas com foco crescente, sempre que possível, em uma perspectiva filosófica diante dos temas estudados –, eu acredito ter desenvolvido o meu trabalho mais frutífero desde o início da minha ainda breve carreira docente. Após o início das aulas focadas propriamente em Filosofia, me senti feliz ao ouvir de muitos alunos que haviam passado a gostar dessa disciplina após minhas aulas, e de que as achavam muito mais interessantes do que as aulas anteriores, nas quais eu focava majoritariamente em conteúdos de outras áreas das ciências humanas. Tive o prazer de ministrar aulas nas quais pude ver interesse e engajamento real por boa parte dos estudantes, apesar das constantes reclamações sobre sobrecarga. Foi principalmente dessas turmas, embora não apenas delas, que recebi também manifestações diretas de interesse, admiração e apreço pelas aulas de Filosofia. Me senti tremendamente alegre quando uma das minhas alunas me enviou uma mensagem – que devo confessar, me pegou bastante de surpresa – contando ter interesse em se aprofundar nos estudos nessa área e me pedindo por orientações extracurriculares. E a felicidade foi ainda maior quando ouvi de um aluno que ele desejava se tornar

professor de Filosofia e trabalhar ao meu lado, futuramente. De modo geral, talvez não faça muito sentido esperar que os alunos cheguem interessados por si só e previamente em um campo do conhecimento que sempre esteve distante da cultura popular de nosso país, além de já ter sido atacado diversas vezes tanto institucionalmente (com as reduções ou remoções completas de sua carga horária nos currículos escolares) quanto ideologicamente (como frequentemente ocorre em discussões políticas e polarizadas). Percebo hoje que por mais que os obstáculos sejam enormes e numerosos, é possível despertar interesse e senso de importância apresentando – talvez pela primeira vez – aos alunos o que há de belo, e também de absolutamente fundamental, na Filosofia. Busco mostrar aos meus alunos que a Filosofia é imprescindível tanto para a sustentação de qualquer conhecimento que se pretenda rigoroso, quanto para uma relação mais consciente, atenta e profunda com a própria existência.

OS ORGANIZADORES: Pela sua fala fica claro que são muitas as dificuldades para realizar uma atividade docente significativa. Mas, para você, quais os principais obstáculos você se depara no cotidiano profissional que interfere na qualidade do seu trabalho docente?

28

JOSÉ ISAAC: Os principais obstáculos que interferem na qualidade do meu trabalho enquanto professor começam fora da sala de aula, relacionando-se à sobrecarga estrutural do cotidiano escolar. Ela se manifesta de formas diversas: a elevada quantidade de turmas e estudantes sob responsabilidade de cada professor, na multiplicidade crescente de demandas administrativas e pedagógicas, e no pouco tempo destinado ao planejamento de aulas ou articulação de projetos. Essa sobrecarga compromete tanto a profundidade do trabalho filosófico presente no planejamento, quanto a possibilidade de um acompanhamento mais atento das trajetórias individuais dos alunos, gerando um ambiente de constante urgência que fragiliza a prática docente. Por exemplo, em 2025 eu trabalhei com dezenove turmas com média de quarenta alunos em cada, além de casos específicos de alunos PCD (pessoas com deficiência) que necessitam de acompanhamento individualizado em algumas turmas. Também tive que lidar semanalmente com três planejamentos distintos de Filosofia (segundo ano, terceiro ano e Fluxo V) e um de uma Estação de Saberes (e tenho colegas com ainda mais disciplinas diferentes). Temos um dia da semana (terça-feira, no caso dos professores de humanas) com dois turnos destinados ao planejamento, mas a maior parte desses dias teve ao menos um turno

ocupado com discussões sobre demandas coletivas, enquanto no outro turno somos cobrados a cumprir o planejamento dentro da escola, ainda que o barulho e movimento presentes nesse ambiente prejudique o trabalho criativo e a concentração da maior parte dos docentes. Essa cobrança tem sido cada vez mais rígida. A isso se soma a cobrança sempre presente de que participemos de projetos pedagógicos diversos da escola, ainda que esse excesso de trabalho raramente seja levado em conta com qualquer compensação na organização da carga horária. Também recebemos a demanda de exercer recuperações paralelas com todos os alunos no decorrer das unidades, mesmo nos casos em que a nota só não foi alcançada pela simples decisão de não participar do processo nas atividades propostas regularmente. Nos últimos anos, também tem crescido a cobrança em relação à inclusão de alunos PCD, o que é fundamental e um grande avanço, mas que tem sido colocado diretamente sobre a responsabilidade dos professores sem qualquer revisão da organização de carga horária. Dentro do mesmo tempo oficial de trabalho, somos cobrados a apresentar planos de curso e de aula individualizados e versões adaptadas de todos os materiais ou atividades propostas para cada aluno PCD dentre as turmas sob nossa responsabilidade. Por fim, tenho que citar também uma demanda que surgiu desde 2024: com o estabelecimento da caderneta digital, passamos a ser cobrados pelo lançamento de todos os conteúdos, avaliações e frequências diretamente no sistema. Além de ser um sistema lento e burocrático que exige muito tempo para alimentação, o que é crescente a depender da quantidade de cadernetas de cada professor (como eu disse, tive dezenove nesse ano), também ocorrem problemas com o seu funcionamento em todos os finais de unidade, com notas desaparecendo após lançadas ou quedas súbitas da rede antes que você tenha salvado o que digitou. Não preciso dizer que isso não é levado em conta quando as cobranças pelo lançamento aparecem. Somam-se a isso desafios diretamente ligados à sala de aula, como a indisciplina, a defasagem na formação prévia dos estudantes, a limitada bagagem conceitual e de vocabulário em muitas turmas etc., o que dificulta o acesso aos conteúdos abstratos e argumentativos próprios da Filosofia. Essas condições exigem do professor um esforço contínuo de mediação e adaptação metodológica. Ainda assim, considero que hoje em dia os maiores obstáculos estão na sobrecarga que antecede o trabalho em sala de aula, como eu disse inicialmente.

OS ORGANIZADORES: Para além do que você acaba de descrever, ouvimos muito falar da falta de interesse dos alunos ou uma certa apatia em relação ao envolvimento com as atividades desenvolvidas no âmbito escolar. Como esse desinteresse aparece na disciplina de filosofia?

JOSÉ ISAAC: Antes de tudo, é preciso considerar a realidade que expus parcialmente na resposta anterior, e as condições parcas existentes para qualquer acompanhamento individualizado – ainda que isso seja cobrado recorrentemente de nós. Levando isso em conta, tento lidar com esse problema inicialmente adotando estratégias que favoreçam o engajamento coletivo, procurando estruturar o planejamento de forma que contemple a maior parte da turma com abordagens, exemplos e formas de participação diversa – se o aluno não quer falar em público, que faça as atividades no caderno; se não é bom com escrita, que faça um trabalho artístico; etc. Faço isso por compreender que o desinteresse nem sempre é individual, mas frequentemente resulta de condições estruturais, trajetórias escolares anteriores e dificuldade de identificação com os conteúdos. Assim, sempre que possível, realizo também chamados individuais com os alunos menos participativos, buscando compreender as suas dificuldades específicas, mas essas tentativas são atravessadas pela escassez de tempo e pela superlotação das turmas. Por fim, tenho cada vez mais considerado fundamental a construção de uma boa relação afetiva e de um ambiente acolhedor em sala de aula, tanto entre os colegas quanto entre estes e o professor. Um ambiente no qual o aluno possa se sentir respeitado, seguro e pertencente potencializa imensamente o trabalho docente e a participação discente. A minha experiência mostra que, quando há vínculo, escuta e simpatia, a participação tende a emergir de forma mais espontânea, criando condições mais favoráveis para o envolvimento dos estudantes com a Filosofia e com a própria escola. O processo de aprendizagem ganha muito quando não se baseia apenas em ameaças e cobranças (muitas vezes necessárias), mas também com o desejo autônomo de fazer parte do que está acontecendo ali.

30

OS ORGANIZADORES: Para motivar os alunos, para além do que você já descreveu, quais métodos e/ou procedimentos e estratégias de ensino você mais utiliza em suas aulas?

JOSÉ ISAAC: Em minhas aulas de Filosofia (e das Estações de Saberes, que envolvem interdisciplinarmente História e Sociologia), embora eu tenha mais

facilidade com certos recursos, busco diversificar as abordagens para favorecer a contemplação dos perfis igualmente diversos de cada turma. Realizo frequentemente aulas expositivas e dialógicas, articulando a apresentação conceitual dos conteúdos com a escuta ativa e a participação dos estudantes, e tendo com o apoio o uso de slides ou mapas mentais. Complemento esse formato com leituras coletivas em sala e estudos dirigidos para visto no caderno, que podem ser feitas tanto a partir de textos didáticos de apoio, quanto de trechos selecionados de textos clássicos de Filosofia, de modo a introduzir os alunos ao vocabulário filosófico e às estruturas argumentativas próprias da disciplina. Também recorro sempre que possível a recursos artísticos e audiovisuais como recursos pedagógicos, utilizando músicas e obras de arte para ampliar o repertório cultural dos estudantes e gerar sensibilização acerca dos temas estudados (por exemplo, sempre apresento a tela “A Redenção de Cam” de Modesto Brancos para falar sobre os ideais de embranquecimento populacional no Brasil, ou “A Condição humana” de René Magritte para falar sobre o representacionismo no contexto da epistemologia). Um dos recursos dos quais mais faço uso é a exibição de filmes que ajudam a mostrar em tela os contextos históricos ou as vivências existenciais abordadas durante as aulas, o que se segue a uma abertura para discussão mediada por minhas próprias análises e destaques acerca dos elementos centrais. Além disso, valorizo metodologias participativas e colaborativas, como atividades em grupo de produção criativa de panfletos e folders artísticos vinculados à síntese dos conteúdos trabalhados. Também trabalhei no último ano com debates orientados, nos quais cada grupo de alunos discutiu sobre dilemas éticos selecionados e apresentou posteriormente os seus posicionamentos por escrito, para que então eu fizesse uma discussão coletiva socializando as respostas e vinculando-as a determinadas teorias éticas. Essas estratégias visam promover o protagonismo estudantil, o exercício da argumentação e a articulação entre conceitos filosóficos, experiência concreta e expressão criativa. Além disso, é uma forma de ampliar as possibilidades de atuação e assim favorecer a participação dos alunos, como indiquei anteriormente, uma vez que o estudante pode se expressar e participar dos processos avaliativos por diversos caminhos.

OS ORGANIZADORES: Um outro tema que gera debate, no ensino em geral, é o processo de avaliação. Qual sua percepção em relação a avaliação? Há alunos que são reprovados em sua disciplina? Ou todos são automaticamente aprovados pelo sistema escolar?

JOSÉ ISAAC: Compreendo a avaliação como um elemento central do processo educativo, uma vez que é indispensável tanto para acompanhar a aprendizagem quanto para promover intervenções pedagógicas e correções de rota. Defendo a importância de uma avaliação cuidadosa, criteriosa e formativa, e entendo que a reprovação não deve nunca ser a meta, mas precisa existir como possibilidade real, quando o processo de aprendizagem não atinge condições mínimas ou, ainda pior, quando não se pode sequer perceber o mínimo esforço para participação do processo. A avaliação não pode se reduzir a um instrumento de aprovação ou reprovação, mas estes são aspectos também fundamentais da trajetória escolar na medida em que os cidadãos saem da escola com um certificado de que passaram por uma preparação básica para a vida em sociedade. Nesse sentido, a inexistência prática da reprovação tende a esvaziar parte do sentido da avaliação, uma vez que o aluno percebe a indiferença de consequências imediatas da escolha de estudar ou não, e um adolescente raramente percebe que os verdadeiros ganhos ou prejuízos virão apenas com o tempo e estarão muito além de uma nota no seu histórico. Na perspectiva da maior parte dos estudantes, especialmente levando em conta o formato no qual são educados desde os anos iniciais, alcançar a nota mínima (que é de cinco pontos de dez totais, no ensino médio) e ser aprovado é a única preocupação real, e se isso é conquistado de forma fajuta sem o desenvolvimento de trabalho e aprendizagem real, “melhor para eles”. No contexto da educação pública baiana – e, cada vez mais, em diversos outros estados do Brasil –, a avaliação tem passado por entraves estruturais e normativos. O sistema educacional tem estabelecido mecanismos de recuperação ou progressão parcial que, na prática, abrem margem para uma aprovação semiautomática, muitas vezes acompanhada por uma pressão direta ou indireta para a redução dos índices de reprovação. Um exemplo disso está na atual vinculação da progressão do plano de carreira dos professores ao cumprimento de metas nos índices escolares de aprovação. Perde-se de vista o quanto esses índices são impulsionados justamente pelo crescente descaso com a garantia de aprendizagem e comprometimento a cada ano – o que gera um problema “bola de neve” que reverbera inclusive na queda de qualidade dos futuros estudantes de ensino superior.

OS ORGANIZADORES: Todo esse processo que você está narrando é algo normatizado e instituído pelos órgãos competentes?

JOSÉ ISAAC: Sim. Portarias e orientações administrativas da Secretaria de Educação do Estado da Bahia permitem processos de recuperação paralela e final que, embora tenham como objetivo declarado combater a evasão e o fracasso escolar, frequentemente resultam na aprovação de estudantes com graves lacunas de aprendizagem. Por exemplo, tenho vários alunos que foram aprovados ao fim do ano letivo carregando dezenove recuperações a serem desenvolvidas no ano seguinte com a progressão parcial. Chega a ser ridículo supor que um aluno que não alcançou a média cinco em dezenove dos vinte e dois componentes curriculares esteja preparado para o ano seguinte, no qual terá de lidar com essas dezenove somadas às vinte e duas regulares. Vale destacar que frequentemente atribuímos de dois a três pontos por unidade apenas para participação de projetos extracurriculares, gincanas, jogos estudantis etc., o que indica que a reprovação está muitas vezes atrelada à percepção de que serão aprovados independente do que façam ou deixem de fazer. Não se trata simplesmente da dificuldade com a aprendizagem, portanto, mas da ausência de mobilização mínima para participar do processo.

OS ORGANIZADORES: O que você faz, nesse contexto, com uma disciplina tão específica como é o caso da Filosofia?

JOSÉ ISAAC: Tendo essa conjuntura em vista, eu busco adotar critérios avaliativos que permitam equilibrar o mínimo de rigor pedagógico e responsabilidade institucional. Busco promover avaliações diversas: participação durante as aulas, cumprimento dos trabalhos propostos, envolvimento nos projetos extracurriculares, desempenho em avaliações formais, entrega dos estudos dirigidos, produção de trabalhos artísticos, etc. Dessa forma, amplio ao máximo o horizonte de possibilidades para que cada aluno tenha oportunidades claras de demonstrar seu engajamento no processo educativo e avaliativo. No fim das contas, portanto, o principal balizador da aprovação ou reprovação encontra-se no comprometimento e na participação. Desse modo, eu reprovoo alunos em minha disciplina, mas somente aqueles que não se dão ao trabalho de fazer o básico do que é exigido: apenas com isto, ele já conquista a média cinco, e restam cinco pontos a mais para quem realmente se dedica e se sobressai. Faço isso porque entendo que é melhor que o aluno conquiste a aprovação se engajando do que simplesmente frequentando e tomando isso como garantido, e também por compreender que ao participar das

aulas e atividades propostas, ele inevitavelmente aprenderá alguma coisa de importante para sua vida.

OS ORGANIZADORES: Para finalizar a nossa Entrevista, já agradecendo a sua disponibilidade e dedicação, você se sente realizado como professor de Filosofia? Algum conselho para aqueles que estão atualmente nos cursos de Licenciatura em Filosofia?

JOSÉ ISAAC: Primeiramente, gostaria de agradecer pela oportunidade e de parabenizar pela iniciativa pois é importante discutir o ensino de Filosofia tendo contato com experiências concretas da docência. Sim, eu me sinto realizado. Apesar de fazer inúmeras queixas e reclamações cotidianas sobre as minhas condições de trabalho, as quais considero justas e naturais, não me vejo atualmente em nenhuma outra profissão. Ao fim da graduação, cada vez mais desmotivado diante da realidade que o ensino de Filosofia enfrentava, eu pensava muito mais sobre a especialização em pesquisa e ensino superior do que em me desenvolver como professor da educação básica. Porém, após ingressar como professor no ensino médio, ainda que tenha encontrado uma realidade extremamente desafiadora, eu também pude revisitar alguns dos motivos pelos quais havia anteriormente desejado trabalhar nesse campo. Sigo interessado em pesquisa e ensino superior, mas no momento estou focado em me desenvolver na atual etapa. Posso dar dois conselhos para aqueles que estão se preparando para se tornarem meus colegas. O primeiro é: estude e se prepare para a realidade do mercado de trabalho, pois seja no setor privado ou público, somos vistos pelos “patrões” como nada mais do que trabalhadores substituíveis, e a sua realização como professor também vai depender das oportunidades que você conseguir agarrar e das estratégias que você desenvolver para isso. Nesse sentido, a organização coletiva também é fundamental, pois não trabalhamos sozinhos. E o segundo: não ancore sua atuação como professor na absoluta e imediata transformação da sociedade como um todo, pois isso não depende apenas de você e tampouco da educação em geral. Ao contrário, tenha em vista que a orientação bem sucedida de um único aluno já pode ser suficiente para mudar uma vida inteira, e por conseguinte as várias outras vidas que esse aluno tocará a partir das portas que você o ajudou a encontrar e a abrir. Minha relação com a educação se transformou e voltou a ganhar fôlego uma vez que percebi o impacto que podia ter na vida de cada estudante, e deixei de avaliar o trabalho educativo apenas sob a exigência das macro transformações. Isso não significa que estas

também não devam fazer parte do projeto, mas que podem ser alcançadas justamente através das micro revoluções. E, caso não o sejam, você ainda assim terá feito uma diferença gigante na existência de alguém.

JOSÉ ISAAC COSTA JÚNIOR

<http://lattes.cnpq.br/8665997302962792>